

Biblioteca Anarquista



Desmascarando a Democracia

Bob Black

Bob Black
Desmascarando a Democracia
2011

bibliotecaanarquista.org

2011

Conteúdo

Objecções à Democracia	6
Conclusão	21

simplesmente tomam como certo que alguém (Locke? Rousseau? Lincoln? Churchill?) há muito tempo apresentou um forte argumento a favor da democracia. Ninguém nunca o fez. É por isso que você não aprendeu na escola. Você foi apenas instruído a acreditar. Os argumentos a favor da democracia — que não são frequentemente articulados — são tão falhos e frágeis, alguns deles até tão tolos,⁷⁵ que os democratas devotos podem se assustar.⁷⁶

Agora, pode ser que algumas dessas críticas ao governo democrático sejam, na verdade, críticas ao próprio governo. Isso não diminui, mas, ao contrário, aumenta, sua validade. Isso significa apenas que a democracia não é tão especial assim, e que ela *foi descoberta*.

NÃO VOTE EM NINGUÉM
NINGUÉM DIZ A VERDADE.

Bob Black
Caixa Postal 3112
Albany NY 12203

⁷⁵ Por exemplo, diz-se que a residência voluntária num país é um consentimento “tácito” ao seu governo democrático. Ame-o ou deixe-o! Incrivelmente, a maioria dos democratas não consegue perceber que se a residência voluntária conta como consentimento para ser governado, então conta como consentimento para ser governado por qualquer governo, despótico ou democrático. Harry Brighouse, “Democracy and Inequality,” em *Democratic Theory Today: Challenges for the 21st Century*, ed. April Carter & Geoffrey Stokes (Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 2002), 56; JP Plamanatz, *Consent, Freedom, and Political Obligation* (2.^a ed.; Londres: Oxford University Press, 1968), 7-8; A. John Simmons, *Moral Principles and Political Obligations* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1979), 7374 & cap. 4. Na antologia *Democratic Theory Today*, os onze colaboradores — todos eles professores universitários — discutem solenemente o republicanismo cívico, a democracia desenvolvimentista, a democracia deliberativa, a democracia associativa, etc. Nenhum deles faz uma pausa para justificar a democracia em si.

⁷⁶ Ver, por exemplo, William Godwin, *Enquiry Concerning Political Justice*, ed. Isaac Kramnick (Harmondsworth, Middlesex, Inglaterra: Penguin Books, 1976), 209-253; Crispin Sartwell, *Against the State* (Albany, NY: State University of New York Press, 2008), 39-96 (citado).

Pela primeira vez na história, “quase todo mundo hoje professa ser um democrata”.¹ Professores professam a democracia profusamente, embora a mantenham fora do campus. Democracia — na verdade, “essa palavra pode significar qualquer coisa”.² Até a Coreia do Norte se autodenomina uma República Popular Democrática. A democracia combina com tudo. Para os campeões do capitalismo, a democracia é inseparável do capitalismo. Para os campeões do socialismo, a democracia é inseparável do socialismo. Diz-se até que a democracia é inseparável do anarquismo.³ Ela é identificada com o bom, o verdadeiro e o belo.⁴ Há um sabor de democracia para cada gosto: democracia constitucional, democracia liberal, democracia social, democracia cristã, até mesmo democracia industrial. Poetas (reconhecidamente não muitos) louvaram sua glória. E ainda assim a suspeita espreita de que, como pareceu a outro poeta, Oscar Wilde, “democracia significa simplesmente a surra do povo, pelo povo e para o povo. Foi descoberto”.⁵ Descoberto e considerado infundado.

Até o século XX, havia poucas democracias. Até o século XIX, a sabedoria das eras era unânime na condenação da democracia. Todos os sábios da Grécia antiga a denunciaram, especialmente os sábios da Atenas democrática.⁶ Como Hegel escreveu: “Aqueles antigos que, como

¹ David Held, *Models of Democrat*, (2.^a ed.; Stanford, CA: Stanford University Press, 1996), 1; ver também Tibor R. Machan, “Introdução: O Ideal Democrático”, *Liberty and Democracy*, ed. Tibor R. Machan (Stanford, CA: Hoover Institute Press, 2002), xiii.

² Jacques Ellul, *A ilusão política*, tr. Konrad Kellen (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1967), 181.

³ David Graeber (no catálogo da AK Press 2008), citado em Bob Black, carta aos editores, *Anarchy: A Journal of Desire Armed*, No. 67 (Vol. 26, No. 2) (Primavera-Verão 2009), 75.

⁴ “A democracia é tornada idêntica à liberdade intelectual, à justiça econômica, ao bem-estar social, à tolerância, à piedade, à integridade moral, à dignidade do homem e à decência civilizada geral.” Robert A. Nisbet, *Community and Power* (Londres: Oxford University Press, 1962), 248.

⁵ “The Soul of Man Under Socialism,” *The First Collected Edition of the Works of Oscar Wilde, 1908-1922*, ed. Robert Ross (ed. repr.; Londres: Pall Mall, 1969), 8: 294. Wilde era um dândi anarquista decadente. Esses anarquistas de estilo de vida desprezam a democracia. Veja, por exemplo, Octave Mirbeau, “Voters Strike!” em *Rants and Incendiary Tracts*, ed. Bob Black e Adam Parfrey (Nova York: Amok Press e Port Townsend, WA: Loompanics Unlimited, 1989), 74-78.

⁶ Ernest Barker, *O pensamento político de Platão e Aristóteles* (Nova Iorque: Dover, 1959), 13; MI Finley, *Democracia, Antiga e Moderna* (2.^a ed.; Londres: Hogarth Press, 1985), 5, 29; David Held, “Democracia: das cidades-estado a uma ordem cosmopolita”, em *Filosofia política contemporânea: uma antologia*, ed. Robert E. Goodin e Philip Pettit (Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006), 80.

membros de democracias desde a juventude, acumularam longa experiência e refletiram profundamente sobre ela, tinham visões diferentes sobre a opinião popular daquelas visões mais *a priori* prevalentes hoje.⁷ Os autores da Constituição dos EUA rejeitaram a democracia.⁸ O mesmo fizeram seus oponentes, os antifederalistas.⁹ A democracia que era então universalmente desprezada é o que agora é chamado de democracia direta, governo *do povo sobre* o povo. “Povo” em “pelo povo” significava os cidadãos: uma minoria composta por alguns dos homens adultos. “Povo” em “sobre o povo” significava todos. A cidadania se reunia em intervalos para exercer o poder do estado por voto majoritário. Esse sistema não existe mais em lugar nenhum, e isso torna mais fácil acreditar nele, como observou Hegel.

A democracia só se tornou respeitável, no século XIX, quando seu significado mudou. Agora significava democracia representativa, na qual a cidadania — agora um eleitorado, mas ainda uma minoria — de tempos em tempos escolhe alguns de seus governantes por voto majoritário (ou melhor, pela maioria dos que realmente votam — o que não é a mesma coisa). Os governantes eleitos nomeiam o restante dos governantes. Como sempre, alguns governam, e todos são governados. No século XIX, quando esse sistema prevaleceu em apenas algumas nações, ele adquiriu alguns proponentes intelectualmente capazes, como John Stuart Mill, mas também evocou alguns oponentes intelectualmente capazes, como Herbert Spencer, Pierre-Joseph Proudhon e Friedrich Nietzsche. A democracia, como uma das ideologias políticas ascendentes da época, acomodou-se às outras: ao liberalismo, ao nacionalismo, ao socialismo e até mesmo ao cristianismo. Eles, por sua vez, a acomodaram, geralmente. Improvável, as doutrinas legitimaram umas às outras, geralmente.

⁷ GWF Hegel, “Sobre o projeto de lei da reforma inglesa”, *Political Writings*, ed. Laurence Dickey & HB Nisbet (Cambridge: Cambridge University Press, 1999), 235.

⁸ Bernard Bailyn, *As origens ideológicas da Revolução Americana* (Cambridge: Belknap Press da Harvard University Press, 1967), 282-284; Gordon S. Wood, *A criação da República Americana, 1776-1787* (Nova York e Londres: WW Norton & Company, 1972), 222-223, 409-413; ver, por exemplo, *The Federalist*, ed. Jacob E. Cooke (Hanover, NH: Wesleyan University Press, 1961), 61 (nº 10) (James Madison); *Os registros da Convenção Federal de 1787*, ed. Max Farrand (New Haven, CT: Yale University Press, 1911), 1: 2627 (Edmund Randolph), 48 (Elbridge Gerry), 49 (George Mason), 288 (Alexander Hamilton). Randolph atribuiu os problemas da América à “turbulência e às loucuras da democracia”. Registros, 1:5 1.

⁹ Herbert J. Storing, *Para que serviam os antifederalistas* (Chicago, IL e Londres: University of Chicago Press, 1981), 29.

Conclusão

A regra da maioria é tão arbitrária quanto a decisão aleatória, mas não tão justa.⁷⁰ Para um eleitor, a única diferença entre a loteria⁷¹ e uma eleição é que ele pode ganhar na loteria. Melhor pura chance do que “*democracia pura*”, ou a autocracia imediata do povo”, como Joel Barlow descreveu.⁷² Um celebrante da democracia direta suíça em seu auge admite: “Corrupção, faccionalização, arbitrariedade, violência, desrespeito à lei e um conservadorismo obstinado que se opunha a todo progresso social e econômico eram patologias até certo ponto endêmicas à forma de vida democrática pura.”⁷³ A democracia em qualquer forma é irracional, injusta, ineficiente, caprichosa, divisiva e degradante. Suas versões direta e representativa, como vimos, compartilham muitos vícios. Nenhuma das versões exibe qualquer vantagem clara sobre a outra. Cada uma também tem vícios peculiares a si mesma. Na verdade, os sistemas diferem apenas em grau. De qualquer forma, a pior tirania é a tirania da maioria,⁷⁴ como a maioria dos anarquistas, alguns conservadores, alguns liberais e até mesmo os democratas mais honestos têm dito frequentemente.

A democracia é, no entanto, a melhor forma de governo? Mesmo isso não é tão óbvio, depois de analisarmos com atenção o quão ruim ela é. Sua teoria é redutível a ruínas em poucas páginas. Os crentes afirmam que a democracia promove o diálogo, mas onde está o diálogo sobre a democracia em si? Os democratas ignoram seus críticos, como se a democracia fosse algo tão fechado, por que se preocupar em defendê-la? Eles

⁷⁰ Wolff, *Em defesa do anarquismo*, 44-45.

⁷¹ Assim, “o sufrágio universal não é, aos meus olhos, nada mais que uma lotaria”. Pierre-Joseph Proudhon, *General Idea of the Revolution in the Nineteenth Century*, tr. John Beverley Robinson (Londres: Freedom Press, 1923), 141.

⁷² Joel Barlow, “Aos seus concidadãos dos Estados Unidos. Carta II: Sobre certas medidas políticas propostas para sua consideração”, em *American Political Writing during the Founding Era, 1760-1805*, ed. Charles S Hyneman e Donald S. Lutz (2 vols.; Indianápolis, IN: Liberty Fund, 1983), 2: 1106.

⁷³ Benjamin Barber, *A Morte da Liberdade Comunitária* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974), 197.

⁷⁴ por exemplo, Goldman, “The Individual, Society and the State,” *Red Emma Speaks*, 98; veja também Robert L Hoffman, *Revolutionary Justice: The Social and Political Theory of P.J. Proudhon* (Urbana, IL: University of Illinois Press, 1972), 187. A expressão é geralmente creditada a Alexis de Tocqueville (*Democracia na América*, 250) e foi posteriormente popularizada por John Stuart Mill; mas foi usada por pelo menos um antifederalista no debate sobre a ratificação. Wood, *Creation of the American Republic*, 484 & n. 19. Certamente a ideia era amplamente difundida naquela época e desde então.

A democracia direta é bem adequada à política de máquinas: “A poderosa reunião municipal [em Boston] nomeou os muitos funcionários municipais, determinou impostos e avaliações e adotou projetos de serviço público que eram uma rica fonte de empregos e generosidade econômica. Durante anos, o Caucus original e seus aliados no Merchants Club agiram como o órgão diretor não oficial da reunião municipal, na qual o fiel do Caucus, Sam Adams, desempenhou um papel fundamental.”⁶⁶ Esta é a democracia em ação.

O que Hobbes está falando, como ele prossegue dizendo, é facção, que ele define como “uma espécie de esforço e trabalho duro, que eles usam para *moldar* pessoas”.⁶⁷ James Madison argumentou que a democracia direta promove o facciosismo.⁶⁸ Mas uma organização de organizadores de votos serve a um propósito (o seu próprio) em qualquer assembleia ou legislatura. Os partidos (o eufemismo para “facções”) poderiam desempenhar papéis centrais em uma democracia direta, talvez papéis maiores do que na democracia representativa.⁶⁹

Somente altas participações regulares minimizariam (não eliminariam) essas reversões caprichosas ou manipuladas, já que, se a maioria dos cidadãos comparece a todas as reuniões, a maioria deles que comparece a uma reunião comparecerá a outra. As possibilidades polares são que todas as mesmas pessoas, ou todas as pessoas diferentes, compareçam à próxima reunião. Se forem todas as mesmas pessoas, é oligarquia de fato. Se forem todas as pessoas diferentes, é caos, o único tipo de “anarquia” consistente com a democracia direta. Geralmente acabará se aproximando mais da oligarquia.

⁶⁶ Richard Maxwell Brown, “Violência e a Revolução Americana”, em *Ensaio sobre a Revolução Americana*, ed. Stephen G. Kurtz e James H. Hutson (Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press e Nova York WW Norton & Co., 1973), 102.

⁶⁷ Hobbes, *Sobre o cidadão*, 124.

⁶⁸ James Madison, *The Federalist* No. 10, págs. 56-57.

⁶⁹ Murray Bookchin, *Ascensão da urbanização e o declínio da cidadania* (São Francisco, CA: Sierra Club Books, 1987), 243; Ian Budge, *Enciclopédia do pensamento democrático*, q/v “Democracia direta”.

A popularidade anunciada da democracia é certamente exagerada. Ela tem uma milha de largura e uma polegada de profundidade. Aversão a regimes autoritários não é necessariamente entusiasmo pela democracia. Em algumas das democracias pós-comunistas, a democracia já perdeu seu charme.¹⁰ Em outras, como a Rússia, a própria democracia já está perdida. Democracias mais antigas persistem mais por apatia e força do hábito do que por convicção genuína. John Zerzan pergunta razoavelmente: “Já houve tanta tagarelice incessante sobre democracia e menos interesse real nela?”¹¹ Bem, *houve?*

A ideia de democracia nunca foi justificada, apenas glorificada. Nenhuma das críticas mais antigas à democracia foi refutada, e nem nenhuma das mais novas. Elas vêm da esquerda, direita e centro. Algumas dessas críticas seguem. Elas estabelecem que a democracia é irracional, ineficiente, injusta e antitética aos próprios valores reivindicados para ela: liberdade, igualdade e fraternidade. Ela nem mesmo implica, por exemplo, liberdade.¹² Em vez disso, a tendência instintiva da democracia é “desprezar os direitos individuais e levá-los pouco em conta”.¹³ A democracia não apenas subverte a comunidade, ela insulta a dignidade e afronta o senso comum. Nem todos esses valores violados são importantes para todos, mas alguns deles são importantes para qualquer um, exceto para alguém para quem nada é importante. É por isso que os pós-modernistas são democratas.

Nos últimos anos, alguns intelectuais (acadêmicos e ex-radicais) tentaram reviver a democracia direta como um ideal, e a estabeleceram como uma alternativa viável à democracia representativa. Seus esforços extenuantes interessam apenas a eles mesmos. Seus esforços falham, por pelo menos dois motivos.

A primeira razão é que, na verdade, “não há razão para acreditar que alguma vez tenha havido *uma* democracia urbana, puramente direta, ou

¹⁰ Ralf Dahrendorf, *Reflexões sobre a Revolução na Europa* (New Brunswick, NJ e Londres: Transaction Publishers, 2005), 168.

¹¹ John Zerzan, “No Way Out”, *Running on Emptiness: The Pathology of Civilization* (Los Angeles, CA: Feral House 2002), 204.

¹² Bertrand Russell, “As Perspectivas da Democracia”, *Mortals and Others: American Essays 1929-1935*, ed. Henry Ruja (Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996), 2: 24; James Fitzjames Stephen, *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* (Chicago IL e Londres: University of Chicago Press, 1991), 168.

¹³ Alexis de Tocqueville, *Democracia na América*, ed. JP Mayer, tr. George Lawrence (Garden City, Nova Iorque Doubleday & Company, Anchor Books, 1969), 699.

mesmo uma aproximação razoável de uma. Cada caso conhecido envolveu uma mistura considerável de democracia representativa que, mais cedo ou mais tarde, geralmente subordinou a democracia [direta] onde não a eliminou completamente.”¹⁴ Não há espaço para provar isso aqui, mas as evidências são amplas.¹⁵ A democracia direta é meramente um ideal abstrato, uma fantasia na verdade, sem base na experiência histórica. De acordo com Jean-Jacques Rousseau, que é falsamente reivindicado como um defensor da democracia direta, “por menor que seja um Estado, as sociedades civis são sempre muito populosas para estarem sob o governo imediato de todos os seus membros.”¹⁶

A segunda razão é que as principais objeções à democracia representativa também se aplicam à democracia direta, mesmo que esta seja considerada uma forma ideal de democracia majoritária pura. Algumas objeções se aplicam a uma versão, algumas à outra, mas a maioria se aplica a ambas. Há razões mais do que suficientes para rejeitar todas as versões de democracia. Vamos, então, considerar algumas dessas objeções.

Objecções à Democracia

1. A maioria nem sempre está certa.

Como (entre muitos outros) Pierre-Joseph Proudhon, Henry David Thoreau, Mikhail Bakunin, Benjamin Tucker, Errico Malatesta e Emma Goldman disseram — e alguém discorda? — a democracia não garante decisões corretas. “A única coisa especial sobre as maiorias é que elas não são minorias.”¹⁷ Não há força nos números, ou melhor, não há nada além de força nos números. Partidos, famílias, corporações, sindicatos,

mais velhos entre vocês”. Uma linha do dramaturgo satírico Aristófanes também atesta a votação em bloco na assembleia.⁶²

Hobbes observou que “quando os votos são suficientemente próximos para que os derrotados tenham esperanças de ganhar a maioria em uma reunião subsequente, se alguns homens pendem para seu modo de pensar, seus líderes os reúnem todos, e eles mantêm uma discussão privada sobre como revogar a medida que acabou de ser aprovada. Eles resolvem entre si comparecer à próxima reunião em grande número e estar lá primeiro; eles organizam o que cada um deve dizer e em que ordem, para que a questão possa ser levantada novamente, e a decisão que foi tomada quando seus oponentes estavam lá em força possa ser revertida quando eles não aparecerem.”⁶³

Hobbes descreve exatamente como Samuel Adams manipulou outra assembleia, a reunião da cidade de Boston, em reuniões privadas anteriores de sua facção no Caucus Club: “O Caucus envolvia a mais ampla previsão de problemas que poderiam surgir e a mais restrita escolha de resposta para cada possibilidade; quem falaria sobre qualquer questão e o que ele diria; com o consentimento geral dos membros do clube garantido, com antecedência, tanto para a escolha do orador quanto para qual seria a mensagem do orador.” Seu primo John Adams ficou surpreso, depois de muitos anos participando de reuniões da cidade, ao saber disso: “Lá eles bebem flip [uma bebida de rum], eu suponho, e lá eles escolhem um moderador que coloca questões para votação regularmente, e os selecionados, avaliadores, diretores, bombeiros e representantes são regularmente escolhidos antes de serem escolhidos pela cidade.”⁶⁴ Exatamente os mesmos métodos de manipulação eram praticados na assembleia ateniense.⁶⁵

¹⁴ Bob Black, *Anarchy after Leftism* (Columbia, MO: CAL Press, 1997), 71. A democracia representativa também pode incorporar elementos menores da democracia direta, como acontece nos Estados Unidos, com o julgamento por júri. Mas os representantes oficiais (juízes) circunscrevem severamente o júri. Robert C. Black, “FIJA: Monkeywrenching the Justice System?,” *UMKC Law Review* 66(1) (outono de 1997), 12-13.

¹⁵ Bob Black, *Nightmares of Reason* (2010), caps. 14 e 15, disponível online na The Anarchist Library.

¹⁶ Jean-Jacques Rousseau, “Discurso sobre economia política”, *O contrato social e os discursos*, tr. GDH Cole (Nova Iorque: EP Dutton and Sons e Londres: JM Dent and Sons, 1950), 313.

¹⁷ Loren E. Lomasky, “Democracia Padrão e Dinâmica”, em *Liberdade e Democracia*, 3.

⁶² Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, 417 (citado); “Ecclesiazusai,” *Aristófanes: Plays II*, tr. Patric Dickinson (Londres: Oxford University Press, 1970), 2: 256.

⁶³ Hobbes, *Sobre o cidadão*, 124.

⁶⁴ Gary Wills, *Inventing America: Jefferson's Declaration of Independence* (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1978), 20 (citado), 23 (citando John Adams). Os bostonianos recriaram a sala cheia de fumaça no Congresso Continental, onde Jefferson notou que “[Samuel Adams] estava constantemente realizando caucuses de homens ilustres, entre os quais Richard Henry Lee, nos quais a generalidade das medidas adotadas era previamente determinada, e nos quais as partes eram atribuídas aos diferentes atores que depois apareciam neles.” Citado em *ibid.*, 25.

⁶⁵ RKSinclair, *Democracia e Participação na Atenas Antiga* (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 144-145.

beu um aliado, *treze* por cento dos sujeitos concordaram com o grupo em vez da evidência de seus sentidos.⁵⁹ Alguns dos conformistas realmente mudaram suas percepções, mas a maioria deles simplesmente decidiu que o grupo deve estar certo, não importa quão forte fosse a evidência em contrário.

18. Outra falha inerente à democracia direta, em parte (não inteiramente) consequência da anterior, é a inconstância da política.

Isso realmente abrange dois argumentos relacionados contra a democracia. O que a assembleia faz em uma reunião pode desfazer na próxima, seja porque os cidadãos tiveram segundas intenções sóbrias (um bom motivo) ou porque uma mistura diferente de pessoas aparece (um mau motivo). Isso acontecia frequentemente na Atenas clássica, a única entidade política que já tentou seriamente fazer a democracia direta funcionar. Por exemplo, a assembleia votou para dar aos mitilenos, cuja revolta havia sido esmagada, o tratamento de Melian: morte para todos os homens, escravidão para as mulheres e crianças. O julgamento foi revertido no dia seguinte, o segundo navio despachado para Mitilene chegou felizmente primeiro, e assim apenas os mitilenos considerados os principais responsáveis — mais de 1.000 deles — foram executados.⁶⁰ Melhor, é claro, reverter uma decisão ruim do que mantê-la; mas as pessoas relutam em admitir publicamente que estavam erradas.

Já é ruim o suficiente se a composição da assembleia flutua aleatoriamente ou por causa de fatores politicamente estranhos, como o clima, por exemplo, influencia os resultados das eleições americanas ao influenciar a participação dos eleitores⁶¹ (maiores proporções de democratas comparecem quando o tempo está bom). Mas pode muito bem depender da mobilização deliberada de uma facção. Isso também aconteceu em Atenas. O general Nicias, dirigindo-se à assembleia em oposição à proposta de expedição à Sicília, declarou: “É com verdadeiro alarme que vejo o partido deste jovem [Alcibíades] sentado ao seu lado nesta assembleia, todos chamados para apoiá-lo, e eu, do meu lado, apelo ao apoio dos homens

quase todas as associações voluntárias são, por escolha, oligárquicas.¹⁸ De fato, em assembleias diretas ou representativas, em eleitorados como em legislaturas, o todo é menor — até menor — do que a soma de suas partes. É até matematicamente demonstrável (mas não por mim) que a tomada de decisão da maioria gera decisões ineficientes, socialmente perdulárias, mais ou menos autodestrutivas.¹⁹

Além disso, afinal, por que você, por que alguém, deveria aceitar uma decisão que você sabe que está errada? Certamente a qualidade de suas decisões tem algo a ver com a qualidade do processo de tomada de decisão.

2. A democracia não dá, como prometido, o direito de influenciar as decisões que a afetam, porque uma pessoa que votou no lado perdedor não teve influência nessa decisão.

Como Henry David Thoreau escreveu, “uma minoria é impotente enquanto se conforma à maioria; não é nem mesmo uma minoria então.”²⁰ É, de fato, impotente, não é nada. Thomas Hobbes antecipou Thoreau: “E se o Representante consiste em muitos homens, a voz do maior número deve ser considerada como a voz de todos eles. Pois se o menor número se pronuncia (por exemplo) no Afirmativo, e o maior no Negativo, haverá Negativos mais do que suficientes para destruir os Afirmativos; e, portanto, o excesso de Negativos, permanecendo incontestável, é a única voz que o Representante tem.”²¹ “A maioria numérica”, escreveu John C. Calhoun, “é tão verdadeiramente um *único poder* — e exclui o negativo tão completamente quanto o governo absoluto de um ou poucos.”²²

¹⁸ Clark Kerr, *Unions and Union Leaders of Their Own Choosing* (Nova Iorque, The Fund for the Republic, 1957), 12. Da mesma forma, a democracia da Suíça é a mais participativa do mundo, mas os suíços não são “particularmente participativos na vida econômica e social”. Wolf Linder, *Swiss Democracy* (3.^a ed., rev. & upci.; Basingstoke, Hamps., Inglaterra e Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2010), 127.

¹⁹ Grant McConnell, *Poder privado e democracia americana* (New York Vintage Books, 1966), 120-127; James M. Buchanan e Gordon Tullock, *O cálculo do consentimento: fundamentos lógicos da democracia constitucional* (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1962), 169; Elaine Spitz, *Regra da maioria* (Chatham, NJ: Chatham House Publishers, 1982); Michael Taylor, *Comunidade, anarquia e liberdade* (Cambridge: Cambridge University Press, 1982), 54-55.

²⁰ Henry David Thoreau, “Desobediência Civil”, em *Walden and Civil Disobedience* (Nova Iorque: Signet Classics, 1960), 231.

²¹ Thomas Hobbes, *Leviathan*, ed. CB Macpherson (Harmondsworth, Middlesex, Inglaterra: Pelican Books, 1968), 221.

²² John C. Calhoun, *Disquisições sobre o governo e seleções dos discursos* (Indianapolis, IN e Nova York: Bobbs-Merrill Co., 1953), 29.

⁵⁹ Solomon E. Asch, *Psicologia Social* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1952), 458, 477.

⁶⁰ Finley, *Democracia*, 52; Hegel, “Sobre o Projeto de Lei da Reforma Inglesa”, 235; Tucídides, *Guerra do Peloponeso*, 212-223.

⁶¹ Russell Hardin, *Enciclopédia do Pensamento Democrático*, “Participação”.

3. A democracia, especialmente em pequenos círculos eleitorais, leva à perda de poder de minorias permanentes, que ocupam a mesma posição na democracia que ocupariam em um despotismo.

Nem sempre é a mesma maioria momentânea que governa, mas frequentemente é, e as maiorias inconstantes apenas tornam menos provável, não improvável, que algum grupo se oponha sempre ao grupo vencedor.²³ Na democracia americana, é bem sabido há muito tempo, até mesmo pela Suprema Corte dos EUA em 1938, que “minorias discretas e insulares” estão em desvantagem política além do mero fato (que é desvantagem suficiente) de serem minorias.²⁴ E quanto menor o eleitorado, mais provável é que muitos interesses possam ser representados “por números tão pequenos que sejam menores do que o mínimo necessário para a defesa desses interesses em qualquer cenário”.²⁵

4. A regra da maioria ignora a urgência das preferências.

A preferência varia em intensidade, mas o consentimento não. A preferência é mais ou menos, o consentimento é sim ou não. O voto de uma pessoa que tem apenas uma ligeira preferência por um candidato ou medida conta o mesmo que o voto de alguém apaixonadamente oposto, e assim: “Uma maioria com ligeiras preferências num sentido pode superar quase tantas preferências fortes no outro sentido.” Poderia até haver, como acabamos de referir, uma minoria permanentemente frustrada, o que é uma fonte de instabilidade, ou mesmo de opressão. Por outras palavras, a oportunidade de influenciar uma decisão não é proporcional ao interesse legítimo de alguém no resultado.²⁶

Os teóricos democráticos geralmente ignoram a questão ou, como John Rawls, a ignoram dogmatizando que “essa crítica repousa sobre a visão

oradores e estrelas, e intolerante à contradição.⁵⁵ Os oradores, no tempo limitado que lhes é atribuído, tendem a sacrificar o raciocínio à persuasão sempre que têm de escolher, se querem vencer. Como escreveu Hobbes, os oradores não partem de princípios verdadeiros, mas de “opiniões comumente aceitas, que são em sua maioria geralmente falsas, e não tentam fazer com que seu discurso corresponda à natureza das coisas, mas às paixões dos corações dos homens. O resultado é que os votos são lançados não com base no raciocínio correto, mas no impulso emocional.”⁵⁶ “A democracia *pura*, como o rum puro, produz facilmente a intoxicação, e com ela mil brincadeiras loucas e tolices.”⁵⁷ Os dissidentes sentem-se intimidados, como aconteceu, por exemplo, quando a assembleia ateniense votou a favor da desastrosa expedição à Sicília: “O resultado deste entusiasmo excessivo da maioria foi que os poucos que se opunham realmente à expedição tinham medo de serem considerados antipatrióticos se votassem contra, e por isso mantiveram-se calados.”⁵⁸

17. Uma influência emocional específica e experimentalmente validada que vicia a democracia é a pressão do grupo para se conformar.

Isso foi demonstrado de forma impressionante em um famoso experimento do psicólogo social Solomon Asch. Cada um dos sete a nove sujeitos experimentais foi solicitado a comparar uma série de linhas e, em cada caso, identificar as duas linhas que eram iguais em comprimento. Para cada comparação, era óbvio, na verdade extremamente óbvio, quais linhas combinavam — mas, vez após vez, todos os membros do grupo davam a mesma resposta errada — exceto o único sujeito que não tinha conhecimento do real propósito do experimento. Nessas circunstâncias, *cinquenta e oito* por cento dos sujeitos do teste mudaram sua resposta para concordar com a maioria unânime. Mesmo quando cada sujeito rece-

²³ Spitz, *Regra da maioria*, 183; Juerg Steiner, “Tomada de decisão”, em *Enciclopédia do pensamento democrático*, ed. Paul Barry Clarke e Joe Foweraker (Londres e Nova York: Routledge, 2001), q/v “Tomada de decisão”.

²⁴ Estados Unidos v. Carolene Products Co., 304 US 144, 152-53 n. 4 (1938).

²⁵ MacConnell, *Private Power and American Democracy*, 105 (citado), 109.

²⁶ John Burnheim, *A democracia é possível? Alternativas à política eleitoral* (Cambridge, Inglaterra: Polity Press, 1985), 83 (citado); Jeremy Waldron, *A dignidade da legislação* (Cambridge e Nova Iorque: Cambridge University Press, 1999), 132, 142-143; Buchanan e Tullock, *Cálculo do consentimento*, 125-127, 132-133; Robert A. Dahl, *Um prefácio à teoria democrática* (Chicago, IL: University of Chicago Press, 1956), 91-99; Robert A. Dahl, *Dilemas da democracia pluralista: autonomia vs. controle* (New Haven, CT e Londres: Yale University Press, 1982), 88-89.

⁵⁵ Robert Michels, *Political Parties: A Sociological Study of the Oligarchical Tendencies of Modern Democracy* (Nova Iorque, The Free Press e Londres: Collier-Macmillan Limited, 1962), 64, 98-102. Para quem tem dúvidas sobre a democracia, este é o primeiro livro a ler.

⁵⁶ Hobbes, O Cidadão, 123; ver também Sigmund Freud, *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, tr. e ed. James Strachey (Nova Iorque: WW Norton & Company, 1959), 9; Le Bon, *A Multidão* 187.

⁵⁷ John Jay citado em *Lift of John Jay* ed. William Jay (New York J. & J. Harper, 1833), 2: 315. Jay, coautor de *The Federalist*, foi o primeiro presidente do Supremo Tribunal dos EUA.

⁵⁸ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, tr. Rex Warner (Londres: Reagan Books, 1951), 425.

15. A democracia direta, tentando evitar esse mal, adota o federalismo, que aumenta a desigualdade.

Se as unidades básicas de vizinhança ou face a face fossem autárquicas — autogovernadas e autossuficientes — não seria da conta de ninguém, a não ser deles, quais pessoas elas incluíam e quantas. Eles poderiam ir para o inferno à sua maneira. Mas os esquemas para democracia direta normalmente exigem um sistema federal com camadas de “delegados mandatados e revogáveis, responsáveis perante a base” pelos quais as decisões das assembleias são reconciliadas. Alguns delegados para os níveis mais altos falarão potencialmente por um número diferente de cidadãos do que outros delegados, mas emitirão votos iguais. Em um sistema federal de unidades de população desigual, a igualdade de votação para as unidades significa desigualdade de votação para os indivíduos. O sistema federalista — mas de membro único — de pluralidade simples evidentemente contemplado pela maioria dos democratas diretos, incluindo os sindicalistas, é o menos proporcional de todos os sistemas de votação.⁵¹

A desigualdade será agravada em cada nível mais alto. A maioria; a maioria da maioria; a maioria da maioria da maioria — quanto mais alto você for, maior será a desigualdade. Quanto mais você multiplicar por uma fração, menor será o número a que chegará. “Não é possível”, diz-se, “encontrar uma resposta geral para a questão de até que ponto o federalismo pode legitimamente ser autorizado a superar a democracia”.⁵² Na verdade, há uma resposta geral para a questão. A resposta é não. Um democrata direto que afirma que um sistema confederal abrangente produz decisões majoritárias,⁵³ afirma o impossível como um ato de fé.

16. A democracia directa, num grau ainda maior do que a democracia representativa, encoraja a tomada de decisões emocionais e irracionais.⁵⁴

O contexto face a face da política da assembleia engendra fortes influências psicológicas interpessoais que são, na melhor das hipóteses, estranhas à tomada de decisões sobre os méritos. A multidão é suscetível a

⁵¹ Sally Burch, *Enciclopédia do Pensamento Democrático*, q/v “Sistemas Eleitorais”.

⁵² Linder, *Swiss Democracy*, 84. No sistema suíço, o voto de um cidadão em Uri, um pequeno cantão rural, supera os votos de 34 cidadãos em Zurique. *Ibid.*, 81.

⁵³ Por exemplo, Murray Bookchin, *Anarquismo, Marxismo e o Futuro da Esquerda, 1993-1998* (Edimburgo, Escócia e São Francisco, CA: AK Press, 1999), 314.

⁵⁴ “As características gerais das multidões podem ser encontradas nas assembleias parlamentares: simplicidade intelectual, irritabilidade, sugestionabilidade, exagero dos sentimentos e a influência preponderante de alguns líderes.” Le Bon, *The Crowd*, 187.

equivocada de que a intensidade do desejo é uma consideração relevante na promulgação de legislação”.²⁷ Mas, por mais embaraçoso que seja para os democratas, “a questão da intensidade é absolutamente vital para a estabilidade dos sistemas democráticos” — e é uma questão para a qual a democracia majoritária pura não tem resposta.²⁸ Rousseau pelo menos reconheceu o problema, embora sua solução seja impraticável. Ele pensava que “quanto mais graves e importantes as questões discutidas, mais perto a opinião que deve prevalecer deve se aproximar da unanimidade”.²⁹ Mas não há como decidir *a priori* a importância de uma questão. Primeiro você tem que decidir o quão importante a questão é, e a maioria pode muito bem considerar uma questão como sem importância para garantir que a questão seja respondida como essa maioria deseja.

5. Não há regras de votação democráticas evidentes.

Maioria ou pluralidade? Votação por procuração? Quóruns? Supermaiorias (três quintos? dois terços?) são necessárias para todas, algumas ou nenhuma das decisões? Quem define a pauta? As moções do plenário são aceitas? Quem decide quem fala, por quanto tempo e quem tem a primeira ou a última palavra? Quem agenda a reunião? Quem a adia? E quem decide, e por quais regras, as respostas a todas essas perguntas? “Se os participantes discordarem sobre as regras de votação, eles podem primeiro ter que votar nessas regras. Mas eles podem discordar sobre como votar nas regras de votação, o que pode tornar a votação impossível, pois a decisão sobre como votar é adiada cada vez mais.”³⁰

6. A votação coletiva, do tipo tudo ou nada, é irracional.

Uma decisão tomada sobre um assunto importante por um único voto é tão válida quanto um voto unânime sobre uma ninharia. Essa raridade extrema, a única vez em que um voto, a vontade de uma pessoa, faz a diferença, é a mesma situação — monarquia, ditadura, governo de um homem só — que a democracia supostamente seria uma melhoria!

Em todos os outros momentos, de todos os votos para o lado vencedor, apenas um é decisivo, então os votos de todos os vencedores, exceto um,

²⁷ John Rawls, *Uma Teoria da Justiça* (edição rev.; Cambridge: Harvard University Press, Belnap Press, 1999), 230.

²⁸ Benjamin Barber, *The Conquest of Politics: Liberal Philosophy in Democratic Times* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1988), 79 (citado); Willmoore Kendall e George W. Carey, “O problema da ‘intensidade’ e a teoria democrática”, *American Political Science Review* 62(1) (março de 1968): 5-24.

²⁹ Rousseau, “O Contrato Social”, *O Contrato Social e os Discursos*, 107.

³⁰ Steiner, “Tomada de decisão”, 130.

assim como os votos de todos os perdedores, poderiam muito bem não ter sido emitidos.

7. A regra da maioria nem sequer é o que pretende ser: raramente significa literalmente a maioria do povo.³¹

Muitas pessoas (como crianças, estrangeiros, lunáticos, transeuntes e criminosos) são em todos os lugares negados o direito de votar. Os desfavorecidos nunca estão muito longe de ser a maioria, e às vezes eles são a maioria. E como raramente acontece que cada um dos eleitores elegíveis vote todas as vezes, geralmente a maioria resultante de uma maioria significa regra da pluralidade,³² em outras palavras, a regra da minoria momentaneamente maior, que pode ser bem pequena. A maioria de uma maioria é frequentemente, e a maioria de uma minoria é sempre, uma minoria. Para juntar maiorias a partir de assembleias incoerentes, os líderes geralmente exercem poder literalmente decisivo.³³ Sob qualquer governo possível, uma minoria governa.

8. Seja votando por distritos eleitorais ou em assembleias populares, as decisões são arbitrárias porque os limites dos distritos determinam a composição de seus eleitorados, que determinam as decisões.

Numa democracia, “a definição do círculo eleitoral dentro do qual a contagem é feita é uma questão de importância primária”, mas a teoria democrática é incapaz de dizer quem deve ser incluído num eleitorado.³⁴ Redesenhe os limites e a maioria torna-se uma minoria ou vice-versa, embora ninguém tenha mudado de ideias. Os políticos que desenharam e redesenham os limites compreendem isto muito bem.

³¹ Spitz, *Regra da Maioria*, 3.

³² John Stuart Mill, “Governo representativo”, em *Utilitarismo, liberdade e governo representativo* (Nova Iorque: EP Dutton and Company e Londres: JM Dent and Sons, 1951), 346-347; Harold Barday, *Pessoas sem governo, uma antropologia do anarquismo* (Londres: Kahn & Averill com Cienfuegos Press, 1982), 118; Linder, *Democracia suíça*, 110.

³³ “A necessidade desses líderes é evidente, uma vez que, sob o nome de chefes de grupos, eles são encontrados nas assembleias de todos os países. Eles são os verdadeiros governantes de uma assembleia.” Gustav Le Bon, *The Crowd* (Nova York: Compass Books, 1960), 189.

³⁴ Peter J. Taylor, Graham Gudgin, & RI Johnston, “A Geografia da Representação: Uma Revisão de Descobertas Recentes”, em *Leis Eleitorais e Suas Consequências Políticas*, ed. Bernard Grofman Aren Lijphart (Nova Iorque: Agathon Press, 1986), 183-184; McConnell, *Poder Privado e Democracia Americana*, 92 (citado); Dahl, *Dilemas da Democracia Pluralista*, 97-99; Bruce E. Cain, *O Enigma da Redistribuição* (Berkeley, CA: University of California Press, 1984), 36-37.

13. Outra fonte de irresponsabilidade da maioria e indignidade da minoria é a frivolidade sentida no voto, seu elemento de acaso e arbitrariedade.

Como Thoreau (citado por Emma Goldman) disse, “Toda votação é uma espécie de jogo, como damas ou gamão, com um leve toque moral, um jogo com o certo e o errado, com questões morais; e apostas naturalmente o acompanham.”⁴⁹ A regra da maioria é a roleta da maioria. A popularidade do governo estudantil e do Modelo ONU confirma que há um elemento lúdico e brincalhão na tomada de decisão deliberativa que é independente de suas consequências. Aqui está um interesse que os delegados compartilham entre si, mas não com seus constituintes. Votar é uma disputa, oficialmente arbitrada pela maioria, com apostas às vezes altas. Na medida em que os cidadãos reunidos estão jogando uns com os outros, ou que vencer por si só (ou pela forma como você joga o jogo, nesse caso) *desempenha* algum papel em sua motivação, a qualidade da tomada de decisão é reduzida ainda mais e a humilhação da submissão à regra da maioria é muito mais aprofundada.

14. Em uma democracia representativa com distritos eleitorais, a má distribuição — a criação de distritos com populações desiguais — é possível e, mesmo que sejam iguais, a manipulação eleitoral é quase inevitável.

Os democratas modernos concordam com HL Mencken que “deve ficar claro que uma comunidade cujos votos, homem por homem, contam apenas metade dos votos de outra comunidade é uma em que metade dos cidadãos são, para todos os efeitos práticos, incapazes de votar.”⁵⁰ Mesmo que, como atualmente nos Estados Unidos, os distritos sejam obrigados a ter população quase igual, o gerrymandering — o traçado de seus limites para favorecer algum candidato ou partido — é uma tentação constante. Especialmente porque os titulares fazem o traçado. Usando a mais recente tecnologia libertadora — o computador — é fácil conceber distritos gerrymandered, mas matematicamente iguais.

⁴⁹ Thoreau, “Desobediência civil”, 226, citado em “Anarquismo: o que ele realmente representa”, Emma Goldman, *Red Emma Speaks: Selected Writings and Speeches*, ed. Alix Kates Shulman (Nova York: Vintage Books, 1972), 60; Waldron, *Dignidade da legislação*, 126-127.

⁵⁰ HL Mencken, *Notes on Democracy* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1926), 89 (citado); ver também Dahl, *Dilemmas of Pluralist Democracy: Autonomy*, 83-84.

mas porque está convencida de que é uma minoria.”⁴⁵ Ter que enfrentar um oponente publicamente pode provocar agressão, raiva e sentimentos competitivos.⁴⁶

Num sistema de vencedor leva tudo, não há incentivo para compensar ou conciliar minorias derrotadas, a quem foi dito, na verdade, que não só não conseguiriam o que queriam, como também são estigmatizadas como erradas. A maioria irresponsável é arrogante; a minoria derrotada é ressentida.⁴⁷ O voto coercivo promove a polarização e endurece posições. A deliberação “pode trazer as diferenças à superfície, alargando-as em vez de as estreitar”.⁴⁸ Estas consequências, silenciadas em sistemas de votação secreta em larga escala em eleições não muito frequentes, são acentuadas na combinação comunitária imaginada de eleitorados muito pequenos, eleições extremamente frequentes e votação pública. Os cidadãos levarão as suas animosidades e úlceras para casa e representá-las-ão na vida quotidiana. As eleições são indesejáveis em todo o lado, mas em lado nenhum seriam mais destrutivas para a comunidade do que em assembleias e bairros presenciais.

⁴⁵ Stephen, *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, 70.

⁴⁶ Spitz, *Majority Rule*, 192 (citado); Arend Lijphart, *Encyclopedia of Democratic Thought*, q/v “Consensus Democracy” (a democracia majoritária é “exclusiva, competitiva e adversarial”); Jane L. Mansbridge, *Beyond Adversary Democracy* (Nova York: Basic Books, 1980), 273. Mansbridge acrescenta que, como é angustiante enfrentar uma maioria hostil, a reunião exerce pressão para a conformidade. Militantes altamente motivados podem simplesmente desgastar-se e durar mais que os outros: “A facção mais baixa e mais fraca é a mais firme em conjunção: e é frequentemente visto que alguns poucos, que são rígidos, se cansam, um número maior, que é mais moderado”. Francis Bacon, “Of Faction”, *The Essayes or Counsels, Civill and Morall*, ed. Michael Kiernan (Cambridge Harvard University Press, 1985), 155 (ensaio n.º LI.). Não menos importante das muitas desigualdades sérias inerentes à assembleia é a desigualdade entre extrovertidos e introvertidos. O governo da assembleia desencoraja a participação do tipo de pessoa que não gosta de estar na mesma sala com, digamos, Murray Bookchin ou Peter Staudenmeier.

⁴⁷ “Ver a proposta de um homem que desprezamos ser preferida à nossa; ver a nossa sabedoria ignorada diante dos nossos olhos; incorrer em certa inimizade numa luta incerta por glória vazia; odiar e ser odiado por causa de diferenças de opinião (que não podem ser evitadas, quer ganhem ou percam); revelar os nossos planos e desejos quando não há necessidade e não obter nada com isso; negligenciar os nossos assuntos privados. Estas, digo eu, são desvantagens.” Thomas Hobbes, *On the Citizen*, ed. & tr. Richard Tuck & Michael Silverthorne (Cambridge: Cambridge University Press, 1998), 120.

⁴⁸ Ian Shapiro, “Participação Ótima?” *Journal of Political Philosophy* 10(2) (junho de 2002), 198-199.

9. Depois, há o Paradoxo do Eleitor, uma contradição técnica, mas muito real, na democracia descoberta por Condorcet antes da Revolução Francesa.

Em todas as situações em que dois ou mais eleitores escolhem entre três ou mais alternativas, se os eleitores escolherem consistentemente, a preferência da maioria pode ser determinada somente pela ordem em que as alternativas são votadas. Pode acontecer que A seja preferido a B, B seja preferido a C, mas C seja preferido pela maioria a A!³⁵ Esta não é uma mera possibilidade teórica: aconteceu em votações reais. Existem, de fato, vários desses paradoxos de votação. Em condições ideais, a regra da maioria quase sempre produz essas ordens de preferência cíclicas. Por esta e outras razões, “as várias condições de equilíbrio para a regra da maioria são incompatíveis até mesmo com um grau muito modesto de heterogeneidade de gostos e, para a maioria dos propósitos, não são significativamente menos restritivas do que a condição extrema de unanimidade completa de preferências individuais”.³⁶

O que isto significa é que quem controla a agenda controla o voto, ou, pelo menos, “que fazer agendas parece tão significativo quanto apro-

³⁵ Kenneth Arrow, *Social Choice and Individual Values* (2ª ed.; Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1963), 2-3, 94-95; “Um ensaio sobre a aplicação da teoria da probabilidade à tomada de decisões pluralistas (1785),” em *Condorcet: Foundations of Social Choice and Political Theory*, tr. e ed. Iain McLean e Fiona Hewitt (Aldershot, Hants, England & Brookfield, VT: Edward Elgar Publishing, 1994), 120130. Um certo Rev. Dodgson inventou a noção de “Nenhuma das Acima” como uma opção de votação. “Um Método de Votar em Mais de Duas Questões,” em *The Political Pamphlets and Letters of Charles Lutwidge Dodgson and Related Pieces: A Mathematical Approach*, ed. Francine F. Abeles (Nova York: Lewis Carroll Society of North America, 2001), 95. Desde o Teorema da Impossibilidade de Arrow, “o caso teórico de que as eleições podem assegurar resultados desejáveis recebeu um golpe do qual é improvável que se recupere totalmente”. William R. Keech, “Thinking About the Length and Renewability of Electoral Terms”, em *Electoral Laws and Their Political Consequences*, 104.

³⁶ William H. Riker e Barry R. Weingast, “Regulamentação constitucional da escolha legislativa: as consequências políticas da deferência judicial às legislaturas”, *Working Papers in Political Science* No. P-86-11 (Stanford, CA: Hoover Institution, 1986), 13-18 (exemplos da vida real de majorias cíclicas perpétuas); Hanno Nurmi, *Voting Paradoxes and How to Deal With Them* (Berlim, Alemanha: Springer, 1999); Peter C. Fishburn, “Paradoxes of Voting”, *American Political Science Review* 68(2) (junho de 1974): 537-546 (mais cinco paradoxos); Gerald H. Kramer, “On a Class of Equilibrium Conditions for Majority Rule”, *Econometrica* 41(2) (março de 1973), 285 (citado). A única razão pela qual as ordens de preferência cíclicas não são mais comuns na vida real é a influência de outras práticas antidemocráticas, como o logrolling (veja abaixo).

var legislação”.³⁷ É apropriado que um matemático do século XIX que escreveu sobre este fenómeno (que ele chamou de “maiorias cíclicas”) seja mais conhecido pelo seu pseudónimo, Lewis Carroll.³⁸ Ele adquiriu o seu sentido do absurdo honestamente.

10. Outro método bem conhecido para frustrar a regra da maioria por meio da votação é o logrolling.

Logrolling é uma troca de votos entre facções. Cada grupo vota na medida do outro grupo, uma medida que de outra forma seria derrotada porque cada grupo está em minoria. (Note que isso *não* é um compromisso porque as medidas não são relacionadas.³⁹ As facções não estão dividindo a diferença.) Em certo sentido, o logrolling facilita alguma acomodação da urgência das preferências, uma vez que uma facção apenas troca seus votos por votos que ela valoriza mais — mas o faz por suborno e em detrimento da democracia deliberativa. Nenhuma maioria realmente aprova qualquer medida promulgada pelo logrolling, uma vez que, se o fizesse, não haveria necessidade de logrolling. E aqueles cujos votos são desnecessários podem ser excluídos do processo de logrolling.⁴⁰ A prática é comum em democracias representativas e diretas.⁴¹

³⁷ Ian Shapiro, “Três falácias relativas às maiorias, minorias e política democrática”, em *NOMOS XXIII: maiorias e minorias*, ed. John W Chapman e Alan Wertheimer (Nova Iorque e Londres: New York University Press, 1990), 97; William H. Riker, “Introdução”, *Agenda Formation*, ed. William H. Riker (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1993), 1 (citado).

³⁸ “Método de tomar votos em mais de duas questões”, 46-58; Robert Paul Wolff, *Em defesa do anarquismo* (New York Harper Torchbooks, 1970), 59-63; Arrow, *Escolha social e valores individuais*, 94.

³⁹ Buchanan & Tullock, *Cálculo do Consentimento*, 132-133; Burnheim, *A democracia é possível?*, 6; McConnell, *Poder privado e democracia americana*, 111-112.

⁴⁰ John T. Noonan, Jr., *Bribery* (Nova Iorque: Macmillan & Londres: Collier Macmillan Publishers, 1984), 580; Clayton P. Gillette, “Equality and Variety in the Delivery of Municipal Services,” *Harvard Law Review* 100(1) (Nov. 1986), 959. Na Itália do século XII, Génova e Pistoia proibiram o logrolling nas eleições consulares. Lauro Martines, *Power and Imagination: City-States in Renaissance Italy* (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1979), 29. Tais leis são em vão: “As leis contra o logrolling (provavelmente aprovadas em parte através do logrolling) não têm substancialmente qualquer efeito no funcionamento da democracia em países que as adoptaram.” Gordon Tullock, *The Vote Motive* (np: The Institute of Economic Affairs, 1976), 41. Apenas convidam ao segredo e à hipocrisia. A maioria de dois terços dos estados para a adoção da Décima Terceira Emenda à Constituição dos EUA abolindo a escravidão foi obtida por meio de logrolling. Noonan, *Bribery*, 456-458.

⁴¹ Ver, por exemplo, Tullock, *The Vote Motive*, 45-46. Os referendos, outra expressão de democracia direta, fornecem “o exemplo mais querido” de logrolling, colocando em votação única medidas não relacionadas agrupadas para apelar a uma maioria. *Ibid.*, 48-49.

11. No caso improvável de um órgão legislativo evitar o diálogo intergovernamental, ele pode sucumbir ao impasse.

Considere uma questão política típica, a construção de uma rodovia. (Uma usina elétrica ou um depósito de lixo podem ser um exemplo ainda melhor.) Todo mundo quer uma estrada, mas ninguém a quer em seu quintal. Se três grupos querem uma estrada — mas não em seus quintais, obrigado — eles se unirão para destruir o projeto.⁴² A estrada que todo mundo quer em algum lugar não será construída em lugar nenhum. Esse é um resultado ainda pior do que com o logrolling, onde pelo menos a estrada é construída em algum lugar e pode ser de alguma utilidade para alguém. Não é fácil dizer o que é pior, uma democracia que não governa ou uma democracia que governa.

12. A democracia, especialmente a democracia direta, promove sentimentos desarmônicos e antissociais.

A psicologia da *ekklesia* (assembleia) é a psicologia da *ágora* (mercado): “Eleitores e clientes são essencialmente as mesmas pessoas. O Sr. Smith compra e vota; ele é o mesmo homem no supermercado e na cabine de votação.”⁴³ O capitalismo e a democracia ascenderam ao domínio juntos como os objetivos da mesma classe, a burguesia. Juntos, eles criaram um mundo comum de individualismo egoísta — uma arena de competição, não um campo de cooperação. A democracia, como o litígio, é um método de decisão adversarial: “A regra da maioria pertence a uma teoria de combate da política. É uma disputa entre forças opostas, e o resultado é a vitória de um lado e a derrota do outro.” De fato, como Georg Simmel notou, a regra da maioria é realmente o equivalente substituto da força.⁴⁴ “Concordamos em testar a força contando cabeças em vez de quebrar cabeças. A minoria cede não porque está convencida de que está errada,

Algumas constituições estaduais tentam proibir a inclusão de mais de um assunto em cada proposta de votação. Essas disposições são notoriamente ineficazes. Elas também são anti-democráticas, porque o judiciário é então o árbitro final. Em um sistema político sem freios e contrapesos, a democracia é tirania. Mas um sistema político com freios e contrapesos não é uma democracia.

⁴² Nicholas Rescher, “Risking D: Problemas de decisão política”, *Public Affairs Quarterly* 13(4) (out. 1999), 298.

⁴³ Tullock, *Vote Motive*, 5. Deixando de lado as considerações morais (onde elas pertencem), a regra da maioria com logrolling pode levar a resultados ineficientes — a eficiência máxima requer, surpreendentemente, supermaiorias: “A regra da maioria não é, portanto, geralmente ótima.” *Ibid.*, 51-55, 55 (citado).

⁴⁴ “O fenómeno da superação de votos”, *The Sociology of Georg Simmel*, ed. Kurt H. Wolff (Nova Iorque: The Free Press & Londres: Collier-Macmillan, 1950), 241-242.